**CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA**

**revisitar os grandes géneros: film noir | disponíveis para o noir**

**18 de Novembro de 2021**

**aru kyouhaku /**1960

“intimidação”

*um filme de*koreyoshi kurahara

*Realização:* Koreyoshi Kurahara *Argumento:* Osamu Kawase, *a partir de uma história original de* Kyo Takigawa *Fotografia*: Yoshihiro Yamazaki *Som*: Takinosuke Yagi *Música:* Masaru Sato *Montagem*: Akira Suzuki *Direcção artística*: Kazuhiko Chiba *Câmara*: Saburo Mio *Assistente de realização*: Takashi Nomura *Interpretação*:  Ko Nishimura (Matakichi Nakaike), Nobuo Kaneko (Kyosuke Takita), Mari Shiraki (Umeha), Jun Hamamura (Nozaki), Kojiro Kusanagi (Shinji Kumaki), Yoko Kosono (Kumiki), Zenji Yamada (Ono), etc.

*Produção*: Nikkatsu (Japão, 19560) *Produtor*: Ryoji Motegi *Direcção de Produção*: Kin’ichi Kamei *Cópia*: digital, preto-e-branco, versão original em japonês legendada em inglês e electronicamente em português, 65 minutos *Estreia*: 23 de Março de 1960, no Japão *Inédito comercialmente em Portugal* *Primeira apresentação na Cinemateca*: 26 de Abril de 2021 (“Brevemente neste Cinema | Disponíveis para o noir”).

**nota**

**O ficheiro que vamos mostrar apresenta ligeiros problemas de imagem em projecção, visíveis, a espaços, no lado inferior do enquadramento. Assinalando o facto que não é possível ultrapassar em tempo útil, agradecemos a compreensão dos espectadores.**

**\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_**

Infiltrado com pujança no cinema hollywoodiano dos anos 40 e 50 do século XX, o *Film noir*, assim cunhado pelo olhar francês em 1946, para remeter a um cânone de medula americana e alma exilada que viria genericamente a fixar-se entre the maltese falcon de John Huston e touch of evil de Orson Welles, impregnou outras paragens e cinematografias, de resto de forma duradoura, numa miríade de declinações. Também assombrado pela devastação do pós-guerra, e na linha do fertilíssimo género *yakusa* do seu cinema, o Japão foi-lhe particularmente sensível. Como em Hollywood, além das influências realista e expressionista, é possível, identificar, no Japão, casos “pré-noir” que remontam aos anos 1930, como – como sempre – em Ozu: por exemplo no drama criminal nocturno sono yo no tsuma / “a mulher daquela noite” (1930). Mais reconhecivelmente, Akira Kurosawa lança-se num mergulho *noir* na fase inicial da sua obra durante a ocupação americana, de modo extraordinário em nora inu / “o cão danado” (1949), também eivado do neo-realismo italiano e do universo literário de Georges Simenon, ou mais tarde, não menos extraordinariamente, em tengoku to jigoku / “o céu e o inferno” (1963). “intimidação” de Koreyoshi Kurahara tem um pouco desses dois Kurosawa – a batida gangster do primeiro, o subtexto do ressentimento social do segundo. E ligações directas ao “coração do noir” americano.

A espiral narrativa, em sucessivas torções que acentuam a crueza rondante ao mesmo tempo evocando o passado das personagens em assombrações presentes, define “intimidação”, construído no ritmo concentrado de um noir Hollywood série B. Reverberam pois nitidamente, até na silhueta bandida do assaltante mascarado-desmascarado, motivos do cinema clássico americano. Como dele reflectem os meandros da intriga criminal, o ambiente nocturno urbano de uma rua rasgada por luzes néon em imagem contrastada a preto-e-branco, outras sombras. A firmeza da realização, impecável, atesta esse mesmo classicismo que, num estúdio como a Nikkatsu, prolongava a inspiração dos gangsters hollywoodianos na tradição yakusa das décadas de 1950 e 60. Não se trata pois, aqui, do registo da Nova Vaga que confrontaria com delírio e brutalidade o policial e o noir em obras como koroshi no rakuin / “a marca do assassino” de Seijun Suzuki (branded to kill, 1967), pelo qual a Nikkatsu negaria trabalho futuro a Suzuki que com esse filme afirmou a posteridade de um culto. Como a crítica e espectadores atentos têm notado, não é difícil ver em “intimidação” o mesmo molde de uma produção B da RKO ou imaginar Edward G. Robinson no papel de Takita, o gerente do banco corruptível interpretado por Nobuo Kaneko (para referência e citando três filmes anteriores, actor de Kurosawa em ikuru, de Naruse em “o som da montanha”, de Ozu em “nuvens flutuantes”). Aproveite-se para referir que a sua Némesis, a personagem do empregado subalterno Nakaike, é interpretada por Ko Nishimura (mais reconhecível “daqui” pelos seus trabalhos com Kurosawa, Kaneto Shindo, Shohei Imamura ou, do ano seguinte a “intimidação”, Seicho Matsumoto em zero focus).

Koreyoshi Kurahara (1927-2002) entrou na Nikkatsu como assistente e aí se estreou na realização em 1957, já em modo noir, com ore wa matteru ze (i am waiting). Activo até 1995 – ano de hiroshima, co-realizado com Roger Spottiswoode –, Kurahara foi navegando entre filmes e géneros no quadro da produção dos grandes estúdios, sendo comum assinalar-se a liberdade da sua abordagem em consonância com o espírito da modernidade japonesa dos anos 1960 em diante. Em “intimidação”, a sua “sensibilidade noir” é atestada na crueza ácida da história de fundo corrupto que retrata uma sociedade ameaçada pela desagregação, na qual transparece o mal-estar social, o desespero e a culpa; e pulsa concomitante no escuro mundo visual do filme composto entre duas viagens de comboio: a que traz o chantagista que põe a acção em marcha e nos é apresentado num plano raso ao nível dos pés, a que leva Takita, a família e a sombra dele para nova cidade fazendo-os atravessar a escuridão de um túnel.

A humilhação calada de Nakaike – o homem de olhar magoado –, o seu contínuo rebaixamento profissional mas também familiar (a personagem da irmã é pelo menos tão implacável como Takita), e a desfaçatez de Takita – o bancário ambicioso que desde criança toma tudo ao primeiro – seguem a par nos seus caminhos paralelos, mas também em irremediável entrelaçamento. A ausência de escrúpulos tudo contamina à medida que se percebe o quão todos estão enredados na teia, e o quão sórdida pode ela revelar-se. Sendo a progressão narrativa escorreita, no sentido da linearidade, a *espiral* é a grande figura do filme, graças à espécie de dobras que vão surgindo e porque é a exposição de uma linha curva ao olhar descoberto do assaltante que determina uma dessas reviravoltas, em pleno assalto. É uma sequência admirável a do assalto, longa e silenciosa de diálogos, marcada pelo suspense e por toda a gama de sentimentos de devastação que assola as personagens.

Nela, a questão do *olhar* é decisiva, pelo que decisivo é que antes Takita quebre os óculos escuros vendo-se obrigado a enfrentar o assalto ao seu próprio banco como um zorro de mascarilha negra, mas não sobre a vista. Desarmada ficará. “Foi tudo um logro” / “Então eu ia assaltar o meu próprio banco?!?” E assim segue Takita, que anda “a brincar com o fogo desde [aquela] manhã”, como mais tarde diz à mulher, que se afadiga a emalar os pertences da família à beira da mudança de morada propiciada pela promoção do bancário. A sequência seguinte no banco é quase tão cortante, com os insultos e humilhações proferidos no discurso de Takita e sobretudo captados nos enquadramentos, campos e contra-campos. Aliás, as soluções visuais de “intimidação”, como a sua montagem, são um belo compêndio noir, versão oriental.

Maria João Madeira